

# **MALACA CASTELEIRO**

Entrevistado por Maria Augusta Silva

ABRIL 2001

ENTREVISTA REALIZADA NA OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO  
*DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA*

**Nasceu na Covilhã, em 1936. João Malaca Casteleiro, catedrático, filólogo e presidente (à data desta entrevista) do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa. Coordenou a equipa que elaborou o polémico *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*, o qual contou, entre outros, com o apoio da Fundação Gulbenkian. Uma obra em dois volumes que inscreve quatro milhões e meio de «ocorrências»; nesse conjunto de palavras há 240 mil vocábulos diferentes.**

## **Foi difícil vencer alguns cânones para criar o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*?**

Houve consenso sobre princípios fundamentais. A atitude da Academia é, hoje, moderada: nem de excessivo purismo, nem de excessiva permissividade. Os obstáculos maiores tiveram a ver com a dificuldade de compatibilizar horários. Ao longo de doze anos houve necessidade de várias mudanças na equipa.

## **Não receia que este dicionário vá gerar muita polémica?**

É melhor fazer alguma coisa e agitar as águas do que não fazer nada. Haverá quem não concorde, mas a maioria, nomeadamente jornalistas, penso que aceitará as nossas propostas. Os jornalistas são os que mais labutam com as palavras, sob pressão.

## **Os critérios divergem. Por exemplo, *rock* é adotado com a grafia inglesa, mas *briefing* passa a brífungue. Dualidades?**

Pensou-se por áreas. Na música, *rock* ou *jazz* são universais.

## **E os termos musicais italianos? *Allegro* perde uma consoante...**

Estão mais próximos de nós. *Alegro*, eliminámos uma consoante.

## **E *robot* não é universal? Ou não se resistiu à tentação de adotar o brasileirismo robô?**

*Robot* vem do checo *robota*. E *robota* entrava bem na nossa língua, pois obedece à morfologia do português. Mas *robot* chega-nos do francês e, se para *bibelot* adotamos *bibelô* (e mais exemplos há), procurámos uniformizar.

## **Alguém irá dizer «registo de embarque/entrada», quando todo o mundo aprendeu *check-in*?**

Se tomássemos o exemplo de povos que confinam connosco..., os espanhóis defendem muito mais a sua língua do que nós. Trata-se, também, de uma questão de defesa da língua, último reduto da nossa identidade.

**Por um lado integram-se e adequam-se estrangeirismos e galicismos, por outro fala-se de identidade de um povo. Um dicionário de compromisso?**

Procurámos uma posição intermédia, defendendo e promovendo também a identidade da língua, sem excessivo purismo. Veremos qual a aceitação desta posição de compromisso. Não elaborámos o dicionário para ficar numa redoma, mas para ser útil.

**Demasiadas cedências, nomeadamente no que respeita a brasileirismos e africanismos?**

Apenas uma forma equilibrada de promovermos a interculturalidade. São povos que comunicam connosco em português. A língua portuguesa tem de ser capaz de servir de instrumento de comunicação entre esses povos.

**A interculturalidade não terá de passar mais pelo ensino do português junto desses povos?**

Creio que pela primeira vez nos estamos a envolver em Timor de uma forma plena, ao contrário do que aconteceu em África. Foi pena não se ter criado um serviço cívico nacional alternativo ao serviço militar. Salvaguardámos as relações humanas e, quando vamos a África ou a Timor, não nos sentimos estrangeiros.

**Mas somos estrangeiros numa Europa a que pertencemos e onde ninguém se esforça por falar a língua portuguesa. Será falacioso dizer-se que duzentos**

## **milhões falam português?**

Só no Brasil são 160 milhões. E noutros países há um grande interesse pela língua portuguesa e não apenas entre filhos de emigrantes. Há interesse entre homens de negócios, nos turistas. Mas não tem havido meios suficientes para corresponder a esse interesse pela língua portuguesa.

## **No Brasil chega por vezes a ser chocante não entenderem o nosso português...**

O português do Brasil é mais clássico, conserva as vogais átonas, abertas. Em Portugal comemos as vogais átonas. Há dificuldade em fazermo-nos compreender pelos brasileiros e pelos espanhóis e italianos, porque temos uma pronúncia fechada.

## **Fazer um dicionário é um frete?**

Uma tarefa aliciante. Um dicionário é como um pulmão. Um grande pulmão que tem a sua rede de artérias pelas quais a língua respira e vive.

## **Se Camões ou Vieira saíssem dos seus túmulos como olhariam para o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*?**

Com prazer e um certo orgulho. Viam mais rica a língua que tão bem cultivaram. O progresso de um povo avalia-se igualmente pela riqueza e evolução do idioma e pela sua adequação às necessidades comunicativas.

## **Em nome das necessidades comunicativas não poderá subjugar-se a identidade de uma língua ao poder do *marketing*?**

Não se trata de subjugação. Lembre-se do *slogan* «Portugal é uma democracia de sucesso». Se fosse «Portugal é uma democracia de

êxito», não tinha o mesmo impacte. Quando utilizamos as palavras, fazemo-lo com uma intenção comunicativa e pragmática.

### **Com um mundo em permanente transformação, era inevitável levar a mudança às palavras?**

As línguas são os instrumentos com os quais comunicamos, sempre sujeitos à mudança. Têm de evoluir e acolher a inovação, a que se produz no interior da própria língua e a que deriva de termos que chegam do exterior. Ao longo da sua história, a língua portuguesa esteve sempre aberta a importações, anteriores, até, às palavras latinas. Depois, foi o contacto com o mundo dos Descobrimientos portugueses. Hoje, o grosso das palavras que entram na nossa língua provém do inglês (geralmente pela via americana), mas também do francês, que continua a ter grande influência. Se não houver a preocupação de as integrar e adequar às regras morfológicas e ortográficas do português, a dada altura, em vez de um texto em português, temos um texto numa língua mista.

### **A ortografia não é, em si mesma, uma identidade cultural?**

É uma espécie de convenção social. Tivemos épocas da história em que a mesma palavra se escrevia de muitas maneiras. No caso de Portugal e do Brasil, foi pena que, ao realizar-se a primeira reforma ortográfica em Portugal (1911), não tenha havido a preocupação de associar o Brasil a essa reforma. Se uma mudança ortográfica for no sentido de se eliminarem barreiras, porque não?

### **E as razões etimológicas?**

Devem ser tidas em conta.

## **Esquece-se muito a riqueza das expressões populares?**

Está por fazer o grande levantamento dos regionalismos.

## **Já se trabalha para uma segunda edição deste dicionário?**

Sim e terá mudanças e acrescentos. Por exemplo, vê-se *corticeira* e falta lá um significado: o de fábrica de produtos de cortiça ou de empresa que trabalha com cortiça. Um dicionário é uma obra sempre incompleta e imperfeita.

## **Novos projetos?**

Um dicionário escolar de aprendizagem da língua, que possa estar na mão dos alunos do ensino básico e do público em geral. Um dicionário da língua portuguesa clássica (séculos XVI, XVII e XVIII). E a versão lusitana do grande dicionário produzido no Brasil por António Houaiss. Ainda um dicionário de sinónimos da língua portuguesa.

## **A palavra portuguesa de que mais gosta?**

Amor. Amor e saudade.

© MARIA AUGUSTA SILVA

### **NOTA ATUAL**

O Professor João Malaca Casteleiro foi afastado da presidência do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia na sequência de diferendo resultante do seu envolvimento na elaboração de dicionários conformes ao novo Acordo Ortográfico.